

# A EXPRESSÃO ARTÍSTICA SOB O OLHAR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Natalina Santos<sup>1</sup> & Ana França<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Centro de Investigação em Educação, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade da Madeira. mcsantos@staff.uma.pt.

<sup>2</sup> Centro de Investigação em Educação, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade da Madeira. anak@staff.uma.pt.

## Resumo

Mais do que nunca, hoje ganha particular relevo a urgência do desenvolvimento de uma consciência ecológica, consciência essa que deve ser trabalhada desde cedo. Este processo exige um olhar crítico, clínico e persistente por parte de todos os cidadãos, em particular dos professores e educadores que têm um papel relevante da formação do indivíduo. Ora, é neste contexto que no âmbito da licenciatura em educação básica se perspetiva a criação de ambientes de aprendizagem potenciadores da transformação de resíduos em objetos sonoros e cénicos. A transformação, a recriação de materiais são parte integrante dos conteúdos das Unidades Curriculares (expressão musical e expressão dramática), que, de uma forma interdisciplinar, criativa e imaginativa, proporcionam a sua utilização, em contexto didático e pedagógico no âmbito da Educação. É nesta visão de cruzamento de saberes e consciência ecológica que se pretende que o futuro profissional de educação experiencie e promova, em ambientes formais e não formais de aprendizagem, atitude e comportamentos que contribuam para um futuro sustentável.

**Palavras-chave:** Educação artística, Educação ambiental, Interdisciplinaridade.

## Abstract

### Artistic expression from the perspective of environmental education

More than ever, the urgency of the development of an ecological conscience is particularly important today and that consciousness must be worked on early. This process requires a critical, clinical and persistent look from all citizens, particularly teachers and educators who have a relevant role in shaping the individual. However, it is in this context that within the scope of the undergraduate degree in basic education, the creation of learning environments that enhance the transformation of waste into sound and scenic objects is expected. The transformation and the recreation of materials are an integral part of the contents of the Curricular Units (musical expression and dramatic expression), which, in an interdisciplinary, cre-

ative and imaginative way, provide its use in a didactic and pedagogical context within Education. In this vision of crossing knowledge and ecological awareness it is aimed that the future education professional experience and promote, in formal and non-formal learning environments, attitudes and behaviours that contribute to a sustainable future.

**Keywords:** Artistic education, Environmental education, Interdisciplinarity.

## Introdução

*Uso a minha imaginação livremente, como um artista. A imaginação é mais importante do que o conhecimento. O conhecimento é limitado, a imaginação abraça o mundo.*

Albert Einstein

A sociedade contemporânea vem se deparando com desafios cada vez mais complexos, impondo, de igual modo, respostas exigentes e complexas. Um olhar atento aos mais diversos níveis, tais desafios resultam essencialmente de durante muitos anos se evidenciar um estilo de vida, maioritariamente, centrado em valores económicos, resultando no consumo exponencial dos recursos naturais.

De facto, um dos problemas com o qual a sociedade atual se depara diz respeito às questões ambientais, sendo, deste modo, um problema global que requer, de igual modo, uma resposta a nível planetário. Pode dizer-se que o processo de consciencialização para os problemas ambientais foi-se tornando mais relevante, à medida que os riscos para a humanidade também foram crescendo (Gomes, 1995). Mais, a tomada de consciência sobre a irreversibilidade de alguns desgastes da natureza, que aconteceram no decurso do Séc. XX, sucede a um longo período de ignorância e de desinteresse da espécie humana pelo meio onde vive (Bonnefous, 1990).

Neste sentido, a Educação, através do currículo, poderá dar um excelente contributo. Para Travassos, “centrada na filosofia da ecopedagogia e no uso sustentável dos recursos naturais, a educação para o meio ambiente vem crescendo e assumindo um papel muito importante na criação de uma linguagem comum na comunidade sobre as questões ambientais, dando condições à mídia, às instituições governamentais e não-governamentais e a outros grupos e representações de desenvolverem de forma mais articulada os projetos sobre educação ambiental” (Travassos, 2001: 2).

Assim, com o presente texto pretende-se: refletir sobre a importância da transversalidade da educação ambiental, considerando que é um assunto que diz respeito a todos os cidadãos; partilhar espaços de intervenção, nomeadamente, no currículo das expressões, uma vez que a causa ambiental tem sido considerada no currículo da formação inicial de profissionais da educação; apresentar materiais

reciclados e a sua aplicação em contexto pedagógico, considerando a reconstrução e materiais de desperdício, transformados em materiais pedagógicos.

É inegável que a fragilidade dos recursos e ambientes naturais põe em causa a própria sobrevivência humana, razão pela qual se tem vindo a assistir a uma preocupação crescente com questões ecológicas, abrindo-se, deste modo, espaço para o desenvolvimento de um currículo que atenda esses problemas.

## EDUCAÇÃO AMBIENTE – A Transversalidade da Temática com Arte

*Na aurora do terceiro milênio, é preciso compreender que revolucionar, desenvolver, inventar, sobreviver, viver, morrer, anda tudo inseparavelmente ligado (Morin, 1995).*

A crise global que atualmente se vive, torna cada vez mais premente a promoção de um desenvolvimento que responda às necessidades do presente sem colocar em risco a satisfação das necessidades das gerações vindouras. Assim, a Escola não se pode limitar a ser um mero espaço de transmissão de saberes académicos, tornando-se imperioso que atenda à formação dos jovens enquanto cidadãos de pleno direito, preparando-os para o exercício de uma cidadania ativa, responsável e esclarecida face às problemáticas da sociedade civil.

A tomada de consciência de uma educação ambiental vai muito além de um estado conservacionista que tem estado presente nas vozes de alguns profissionais de educação. Dias alude que “de qualquer forma, a evolução dos conceitos de Educação Ambiental [EA] tem sido vinculada ao conceito de meio ambiente e ao modo como este era percebido. O conceito de meio ambiente reduzido exclusivamente a seus aspetos naturais não permitia apreciar as interdependências, nem a contribuição das consciências sociais à compreensão e melhoria do meio ambiente humano”. (Dias, 1992: 64,65).

Por sua vez, Gomes reforça que “a evolução do conceito de ambiente passou a perspetivar o ser humano com um papel reconhecidamente mais ativo no domínio das interações ambientais, afastando-se dos padrões meramente biológicos e protecionistas e que a EA começou nas últimas décadas a adotar um conceito de ambiente mais integral e multidisciplinar (Gomes, 2012: 87).

Como defende Travassos, “a forma de pensar e agir sobre os problemas ambientais implicam inter-relação da ética, da política, da economia, da ciência, da cultura, da tecnologia, da ecologia, para uma prática da educação ambiental voltada para a mudança do comportamento das comunidades e até mesmo para a atuação da escola como agente transformador da cultura e da conscientização das pessoas para os problemas ambientais (Travassos, 2001: 4).

Pode dizer-se, então, que Educação Ambiental deve atestar um processo de ensino aprendizagem que promova o entendimento do meio ambiente e do que nele ocorre, proporcionando aos cidadãos a compreensão do seu espaço e também o

entendimento da sua área de responsabilidade para com o meio em que vivem, considerando a construção de uma sociedade justa e equilibrada do ponto de vista ecológico.

Por sua vez, como mostra a mudança climática, é urgente abrandar os padrões insustentáveis de produção e consumo que estão criando impactos ecológicos, comprometendo as opções das gerações atuais e futuras e a sustentabilidade da vida na Terra.

Pode dizer-se que a educação ambiental é parte integrante da educação para a cidadania assumindo, pela sua característica eminentemente transversal, uma posição privilegiada na promoção de atitudes e valores, bem como no desenvolvimento de competências imprescindíveis para responder aos desafios da sociedade do século XXI.

Tal atuação pressupõe: a) A tomada de consciência; b) A aquisição de conhecimentos; c) O desenvolvimento de atitudes; d) O desenvolvimento de competências; e) A capacidade de avaliação; f) A participação ambiental” (Antunes *et al.*, 2011: 360/369).

Em 2002, as Nações Unidas lançaram a Década da Educação para a Sustentabilidade (2005-2014), com o intuito de “[...] integrar princípios, valores e práticas de desenvolvimento sustentável em todos os aspetos da educação de ensino. Esse esforço educacional deve encorajar mudanças no comportamento para criar um futuro mais sustentável em termos da integridade do meio ambiente, da viabilidade económica, e de uma sociedade justa para as atuais e futuras gerações” (UNESCO, 2005: 57).

Estes princípios tendem a desenvolver nos alunos uma consciencialização responsável quanto à defesa e proteção do seu ambiente local e global, promovendo as dimensões cognitivas, afetivas, estéticas e criativas, ao longo do desenvolvimento do processo pedagógico. E aqui as artes podem ter um papel preponderante nestas questões de sustentabilidade ambiental.

Observando a transversalidade da temática, relembremos a posição de Read sobre a arte:

“[...] a Arte é uma daquelas coisas que, como o ar, ou o solo, está em todo o lado à nossa volta, mas acerca da qual raramente nos detemos a pensar. Porque a Arte não se encontra apenas nos museus [...]. A Arte como quer que a definamos, está presente em tudo o que fazemos para agradar os nossos sentidos [...] e quando perguntamos o que é arte, estamos a perguntar qual é a qualidade ou peculiaridade numa obra de arte que atraí os nossos sentidos [...]” (Read, 1982: 28).

Neste âmbito, “o campo das Artes e da Educação Artística, por incentivarem processos de renovação, experimentação e mudança, os domínios criativos, desenvolvem campos como a sensibilidade, a estética, a motivação e a autonomia, favorecendo o alcance de uma identidade pessoal (Bahia & Nogueira, 2005), aspetos

essenciais nas pedagogias da Educação Ambiental. As autoras argumentam que através da criatividade se pode desenvolver conhecimentos e competências artísticas e sociais com o propósito da defesa do ambiente, utilizando práticas educativas no sentido da resolução criativa de problemas (Antunes, *et al.*, 2011). Esta ligação incentiva nos alunos a promoção do sentido crítico, a produção de ideias, o desenvolvimento da imaginação, a utilização do propósito flexível de Dewey (Eisner, 2008) e o aperfeiçoamento da expressividade. De facto, educação artística é um meio privilegiado para a “inovação, a criatividade, a experimentação e a capacidade de resposta a situações e problemas novos” (Santos, 1999: III).

Neste discorrer de ideias, o campo da Educação Artística é “um potencial e interesse mecanismo ao nível do contexto ambiental, nomeadamente na promoção de uma consciencialização ética e ativa do ser humano com o ambiente” (Antunes, *et al.*, 2011; p. 357), ou seja, o processo reflexivo em ambientes de aprendizagem da expressão artística que fazem despoletar atitudes, comportamentos, um olhar diferente e atento a questões inerentes à sobrevivência da própria espécie humana.

## **Papel do Professor e Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória**

*Sabe-se que a cada sociedade e classe, a cada época e local, a sua “educação”.  
Porém, na marcha da Humanidade, educacionalmente, o que há de comum  
que a promova?  
(Santos, 2008)*

Ao olharmos a vida profissional dos professores de hoje, e comparando com alguns anos atrás, encontramos algumas diferenças, nomeadamente, as situações com que se deparam na sua atividade, o tipo de alunos que recebem nas suas salas de aulas, o ambiente e interações da própria escola (Roldão, 1999). Tais mudanças requerem alterações na maneira como a profissão se exerce e também no modo de funcionamento da escola, pois, como reforça a autora, o universo social em que a escola vive e atua mudou radicalmente.

É importante que o professor tenha a consciência da importância de trabalhar, desde cedo, um dos objetivos mais importantes do seu programa, relacionado com esta temática, isto é, “estimular a prática de uma nova aprendizagem das inter-relações do indivíduo com o ambiente, geradora de uma responsabilização individual e coletiva na solução dos problemas ambientais existentes e na prevenção de outros” (ME, 1991; p. 16).

Mais do que nunca é importante promover os valores de preservação e conservação do ambiente para o futuro, pois o que se perde ao nível do ambiente e da natureza é muito difícil recuperar. Permitir aos alunos a exploração da dimensão cívica, emocional e criativa, desenvolvendo o sentido crítico, através da resolução

criativa de problemas (Antunes *et al.*, 2011), significa dar-lhes liberdade para experimentar e vivenciar factos de vida real, que por sua vez tem impacto na sua educação ao longo prazo.

Na educação artística, a dimensão cívica é bastante aprofundada, visto estarmos a lidar diretamente com pessoas, seres humanos com sentimentos, com sensibilidade e com sentido crítico. Neste entendimento, alguns autores defendem que a Educação Ambiental aliada à Educação Artística permite impulsionar o desenvolvimento de competências a nível da sensibilização e consciencialização ambiental, em prol da defesa do ambiente (Antunes, *et al.* 2011).

A degradação e destruição do ambiente, resulta de várias causas, pelo que é necessário garantir a sua preservação e conservação, uma vez que é um investimento a prazo se for considerado uma prioridade fundamental em todos os níveis - social, económico e político, não podemos esquecer que “o ambiente é finito, e qualquer parcela destruída não se recupera” (Melo & Pimenta, 1993; p. 72).

Em todo este contexto, ganha particular relevo toda a intervenção que poderá ser feita ao nível a educação, considerando o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória. Relembrando a Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, e numa perspetiva catalisadora no sentido de dar resposta àquilo que se entende ser de importância capital no percurso do alunos do ensino básico (1.º, 2.º e 3.º Ciclos), encontramos um conjunto de recomendações, tendo em vista o fundamento para tal importância, no sentido de proporcionar aos alunos o desenvolvimento do espírito crítico, da criatividade, da sensibilidade, do sentido cívico e a promoção da realização pessoal dos educandos, como é mencionado no Art. 7º. “a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social; b) Assegurar que nesta formação sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano; h) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio-afectiva, criando nesses atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante; i) Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária”.

Nesta linha de pensamento, pretende-se a promoção de uma formação que garanta a aquisição de saberes conducentes ao desenvolvimento holístico do indivíduo. Naturalmente que este desenvolvimento requer por parte dos gestores do currículo em contexto de uma ação consertada em várias dimensões, incluindo a articulação e integração das várias áreas. “O desafio não consiste numa reorganização metodológica dos estudos e das pesquisas e, sim, na tomada de consciência sobre o sentido da presença do homem no mundo”, ele recomenda o enfoque

interdisciplinar como nova maneira de encarar a repartição epistemológica do saber em disciplinas e das relações entre elas (Travassos, 2001: 7).

A Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC) foi apresentada publicamente em setembro de 2017, a qual se constitui como um documento de referência a ser implementado, no ano letivo de 2017/2018, nas escolas públicas e privadas que integram o Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular, em convergência com o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e com as Aprendizagens Essenciais.

Centremo-nos no *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Uma leitura ao documento permite observar a assunção de princípios, valores e áreas de competências para esse perfil, implicando a mudança de práticas pedagógicas e didáticas no sentido de se adequar a globalidade da ação educativa às finalidades do perfil de competências dos alunos.

Do conjunto de ações relacionadas com a prática docente e que são determinantes para o desenvolvimento do *Perfil dos Alunos*, pode ler-se: “abordar os conteúdos de cada área do saber, associando-os a situações e problemas presentes no quotidiano da vida do aluno ou presentes no meio sociocultural e geográfico em que se insere, recorrendo a materiais e recursos diversificados; organizar o ensino prevendo a experimentação de técnicas, instrumentos e formas de trabalho diversificados, promovendo intencionalmente, na sala de aula ou fora dela, atividades de observação, questionamento da realidade e integração de saberes; organizar e desenvolver atividades cooperativas de aprendizagem, orientadas para a integração e troca de saberes, a tomada de consciência de si, dos outros e do meio e a realização de projetos intra ou extraescolares; promover de modo sistemático e intencional, na sala de aula e fora dela, atividades que permitam ao aluno fazer escolhas, confrontar pontos de vista, resolver problemas e tomar decisões com base em valores” (ME, 2017: 31).

Temos assim, uma proposta de base humanista, tendo em vista de uma sociedade centrada na pessoa e na dignidade humana como valores fundamentais. Conforme argumenta Guilherme d’Oliveira Martins no prefácio do documento: “Daí considerarmos as aprendizagens como centro do processo educativo, a inclusão como exigência, a contribuição para o desenvolvimento sustentável como desafio, já que temos de criar condições de adaptabilidade e de estabilidade, visando valorizar o saber (ME, 2017: 6).

Neste mesmo documento, encontramos várias áreas de competências que, de certa forma, confluem para a temática em referência, entre elas, *Bem-estar, saúde e ambiente*. As competências indicadas nesta área têm a ver com a promoção, criação e transformação da qualidade de vida do indivíduo e da sociedade. Neste âmbito, as competências a ela associadas implicam que os alunos sejam capazes de. “adotar comportamentos que promovem a saúde e o bem-estar, designadamente nos hábitos quotidianos, na alimentação, nos consumos, na prática de exercício físico, na sexualidade e nas suas relações com o ambiente e a sociedade; compreender os equilíbrios e as fragilidades do mundo natural na adoção de comportamentos que respondam aos grandes desafios globais do ambiente; manifestar consciência

e responsabilidade ambiental e social, trabalhando colaborativamente para o bem comum, com vista à construção de um futuro sustentável” ME, 2017: 27).

## **A arte não explica! A arte implica! Contributos da Formação Inicial de Profissionais de Educação na UMa**

*“[...] o que a arte ensina é, bem mais do que conhecimento, uma interrogação permanente, uma abertura dos sentidos, da inteligência, da sensibilidade, “uma lição de vida [...]” (Santos, 2005).*

O debate sobre formação de professores tem-se acentuado nas últimas quatro décadas. Na visão de Roldão, “as questões essenciais da formação de professores no tempo atual prendem-se “[...] essencialmente, à necessidade de articular e fazer interagir adequadamente a diversidade de componentes e dimensões necessárias à formação de um profissional de ensino [...]” (Roldão, 2017: 193).

Na nossa perspetiva a formação contínua não se tem verificado grande investimento na preparação dos docentes, de forma a motivá-los para a pesquisa no âmbito das temáticas como a Educação para o Desenvolvimento Sustentado (EDS) e que deveria colmatar as falhas da formação inicial neste domínio, promovendo o desenvolvimento de competências profissionais. No dizer de Gomes (2012), estas falhas podem dever-se, no caso dos professores mais novos, ao facto de os programas de formação inicial não se terem sido objeto de inovação, ou, no caso dos mais velhos, ao facto de estes se terem formado, quando as temáticas do desenvolvimento sustentável ainda não eram uma prioridade educativa. No entendimento do autor, a antiguidade profissional parece fazer a diferença relativamente àquele conhecimento da temática, eventualmente, porque a prática constitua uma via de formação pelo acumular de experiências.

Neste sentido, “[...] a formação de profissionais [...] terá de apelar crescentemente à incorporação da vivência prática, para questioná-la, bem como para articular teoricamente e reinvestir em práticas melhoradas e produtoras de novos saberes[...]” (Roldão, 2017: 196).

É precisamente para promover a capacidade criativa e reinventiva, de análise crítica e criativa do mundo atual que âmbito da formação inicial dos profissionais da educação que frequentam a universidade da Madeira, o currículo das expressões (Dramática e musical) procura fomentar uma consciência ecológica e ambiental através dos conteúdos curriculares.

Tratando-se da formação inicial de futuros profissionais de educação, o tipo de experiências que aquelas expressões proporcionam podem fazer a diferença em contexto escolar, pois as práticas docentes refletem a aprendizagem adquirida. Conforme argumenta Menuhin “[...] através das artes estruturam-se as personalidades dos jovens cidadãos no sentido da abertura do espírito, do respeito do outro, do desejo de paz. É na verdade a cultura que permite a cada um fazer o recurso ao passa-

do e participar na criação do futuro [...]” (Menuhin, 2000; cit. por Moura, 2005: III).

É precisamente na participação da criação do futuro que as nossas crianças e jovens poderão dar o ser contributo; com pequenas coisas, é certo... mas o que é o oceano senão um enorme número de pequenas gotas?!

Assim, é pertinente “[...] proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio afetiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante [...]” (Art 7º, alínea h) da Lei n.º 46/86 de 14 de outubro).

Ora, a nível da expressão musical, o currículo que a Universidade da Madeira oferece aos alunos do 1.º Ciclo da licenciatura em educação básica, centra a seu conteúdo nas propriedades da música (timbre, altura, duração e intensidade), em articulação com três tipos de experiência musical: Interpretação, audição de criação. A linguagem musical, enquanto forma de expressão desafia os alunos, em ambientes de aprendizagem, a comunicar o que sentem o que pensam e o que fazem.

Godinho alude que as artes esperam desenvolver “o artístico” nas crianças, jovens e adultos e, com eles, assegurar o desenvolvimento continuado das artes nas nossas vidas, pelo que a educação artística deve acrescentar a isso o desenvolvimento de uma capacidade criadora que seja, simultaneamente, visionária e inspiradora de significados, flexível e regeneradora de mentalidades (Godinho, 2020). Assim, a educação artística deve acrescentar a isso o desenvolvimento de uma capacidade criadora que seja, simultaneamente, visionária e inspiradora de significados, flexível e transformadora de mentalidades.

É com esta intencionalidade pedagógica que se situam algumas atividades que se promove na UC Expressão Musical, nomeadamente a construção de instrumentos de percussão elementares e a criação de objetos para exploração das suas sonoridades, com materiais “considerados lixo”. A base do método pedagógico de Willems (1970), atende o uso de material sonoro, que permitia despertar nos alunos a educação auditiva, através dos elementos essenciais da música, sendo estes, o ritmo, a harmonia e a melodia, num primeiro momento através da exploração sonoras dos materiais – já transformados em recursos pedagógicos.

As imagens abaixo ilustram o tipo de materiais pedagógicos construídos no âmbito da UC da Expressão Musical, através dos quais foram trabalhados vários conteúdos curriculares, em articulação com outras áreas do saber. Na fig. 1 temos “as caixinhas sonoras”, inspiradas nos contributos de Maria Montessori. Construídas com copos de iogurte. Pegou-se em dois copos de iogurte médios, dentro dos quais se inseriu pequenos objetos (feijões; berlindes; clips, etc...); colou-se os dois copos, formando uma espécie de maraca. O produto final deste trabalho resultou num conjunto de 6 pares de maracas, emparelhadas, em termos de sonoridades, mais uma maraca que não tem qualquer objeto no seu interior (representando o silêncio – fundamental no fenómeno musical). As maracas foram ornamentadas com fitas coloridas (podendo ser um excelente recurso para trabalhar as cores com as crianças mais pequenas) e disponibilizadas imagens de animais e de personagens de

histórias (fáceis de manusear, tanto pelas crianças. Estas maracas são um excelente recurso pedagógico para trabalhar vários conteúdos e áreas curriculares.



**Figura 1 – Caixinhas sonoras (copos de iogurte)**

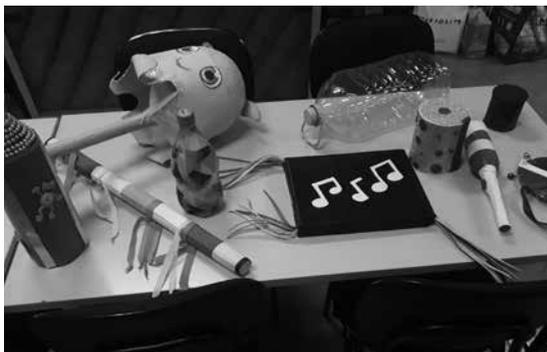
Com este recurso pedagógico, a nível musical, pode-se explorar algumas das propriedades da música acima referidas, trabalhar o desenvolvimento auditivo, através da descoberta do par da maraca que tem o mesmo som, sendo este um jogo bastante apetecível pelas crianças. Pode também ser utilizado como instrumento de percussão no acompanhamento de canções. Num sentido mais abrangente, é possível trabalhar os três tipos de experiência musical (interpretação – acompanhamento de melodias e canções; audição – identificar as respetivas sonoridades; composição – criação de sequências sonoras, etc...).

Na figura 2 ilustramos outro tipo de objetos sonoros resultado da reciclagem de bolas de plástico (caixas de surpresas).



**Figura 2 – Objetos sonoros (bolas brinde das máquinas de surpresas)**

Neste caso, colocou-se também pequenos objetos dentro das bolas “brinde”, organizadas em pares do ponto de vista sonoro, tendo ficado uma sem qualquer som, representando o silêncio. Trabalha-se não apenas o emparelhamento, identificando os pares com a mesma sonoridade, mas também várias expressões e sentimentos. Poderão ser também utilizadas para trabalhar histórias.



**Figura 3 – Instrumentos tradicionais elementares**

Nesta figura 3 pode ver-se alguns “instrumentos” de percussão criados a partir de rolos de papel – transformado em pau de chuva; maracas – com garrafa de plástico grande e médias; guizos – com base de cartão e fitas coloridas e adufe - construído a partir de uma caixa de cartão. Neste caso, é possível trabalhar as propriedades do som, em articulação com os três tipos de experiência musical, a exemplo do referido anteriormente. Todos os materiais didáticos construídos e transformados pelos alunos poderão ser, também, utilizados para trabalhar outras áreas curriculares, nomeadamente, a expressão verbal, não verbal, estudo do meio, a matemática, expressão dramática, entre outras.

## **Considerações Finais**

Mais do que nunca, hoje ganha particular relevo a urgência do desenvolvimento de uma consciência ecológica, consciência essa que deve ser trabalhada desde cedo. Este processo exige um olhar crítico, clínico e persistente por parte de todos os cidadãos, em particular dos professores e educadores que têm um papel relevante da formação do indivíduo. Ora, é neste contexto que no âmbito da licenciatura em educação básica se perspetiva a criação de ambientes de aprendizagem potenciadores da transformação de resíduos em objetos sonoros e cénicos. A transformação, a recriação de materiais são parte integrante dos conteúdos das Unidades Curriculares das expressões, nomeadamente a expressão musical, que, de uma forma interdisciplinar, criativa e imaginativa, proporciona a sua utilização, em con-

texto didático e pedagógico no âmbito da Educação. É nesta visão de cruzamento de saberes e consciência ecológica que se pretende que o futuro profissional de educação experiencie e promova, em ambientes formais e não formais de aprendizagem, atitude e comportamentos que contribuam para um futuro sustentável.

No quadro da dimensão transversal da *Educação para a Cidadania*, o Referencial, de natureza flexível, pode ser usado em contextos muito diversos, no seu todo ou em parte, mediante o desenvolvimento de projetos e iniciativas que visem contribuir para a formação pessoal e social dos alunos.

Em jeito de síntese, pode dizer-se que se a educação for percecionada como processo de formação dos alunos para a aprendizagem das múltiplas expressões, amplamente civilizadoras do quotidiano, e se considerarmos o facto da sociedade atual exigir uma grande diversidade de saberes estruturantes do desenvolvimento de profissionais de ponta (Oliveira, 2001), então as artes poderão contribuir para uma mais conseguida e melhor cidadania. Na educação artística a interdisciplinaridade é uma condição necessária na formação dos profissionais de educação.

## Lista de referências bibliográficas

BAHIA, S.; NOGUEIRA, S. I. (Org.). *Entre a teoria e a prática da criatividade*. Lisboa: Relógio d'Água, 2005.

DIAS, F. G. (1992). *Educação Ambiental: Princípios e Práticas*. 3.º ed. São Paulo: Gaia.

WILLEMS, E. (1970). *As bases psicológicas da educação musical*. Suíça: Edições promúsica.

EISNER, E. E. (2008). *O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?* In *Currículo sem Fronteiras*, v. 8, n.2, pp.5-17, Jul/Dez. EUA.

GOMES, M. (1995). *Geografia Física e Educação Ambiental. Estudo de Dois Casos na Costa Sudoeste*. Dissertação de Mestrado em Geografia Física e Ambiente, Universidade de Lisboa, Lisboa.

GODINHO, J. C. (2020). *Rumo ao desenvolvimento artístico: teorias e práticas*. In *Duarte, A. e Cristóvão N. (org). XIV CIE-Uma Educação, Artes e Cultura - Discursos e Práticas. CIE-UMA. Associação Académica da UMA – Funchal*.

BONNEFOUS, E. (1990). *Réconcilier l'Homme et la Nature*. Press Universitaires de France, Paris.

MINISTÉRIO da EDUCAÇÃO (1991). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico 3.º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.

MOURA, M. (2003). *MUS-E – Artistas na escola...Experiência de Integração Social e Educativa...Vivência Criadora e Formação Artística*. In *Educare Apprendere*. N.º I. Lisboa: ESEL. pp. 11-122.

READ, H. (1982). *A educação pela arte*. Lisboa: Edições 70.

ROLDÃO, M. C. (2017). Teacher education and professional development. In *Rev. educ. PUC – Camp; Campinas*, 22(2): 191-202, maio/ago. Brasil.

SANTOS, A. (1999). *Estudos de psicopedagogia e arte*. Lisboa: Livros Horizonte.

SANTOS, A. (2008). *Mediações Arteducacionais*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

SANTOS, M.E.B. (2003). A importância da Educação Artística para o desenvolvimento da criança. In *Educare Apprendere*. N.º 1. Lisboa: E S E L. pp. 13-22.

TRAVASSOS, E. G. (2001). A educação ambiental nos currículos: dificuldades e desafios. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*, 1 (2): 1-12. Acedido a 20 de janeiro de 2020 em <http://www.uepb.edu.br/eduep/rbct/sumarios/pdf/educamb.pdf>.

UNESCO, (2005). *Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014)*. Brasília: Unesco.

UNESCO (2009) *Bonn Declaration*. UNESCO World Conference on Education for Sustainable Development, Bonn, Germany, 31 March – 2 April 2009, UNESCO/Federal Ministry of Education and Research, ED/DESD/2009/1. [Acedido em 16 de julho de 2012]. <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001887/188799e.pdf>.